



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10466 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT04 - Didática

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA INTERCULTURAL:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA

Ana Paula da Silva Santos - UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DA DIDÁTICA INTERCULTURAL: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NA ESCOLA

Resumo: O presente ensaio tem por objetivo problematizar a perspectiva da didática intercultural no campo da Educação Física escolar, apontando desafios e possibilidades para a construção de práticas pedagógicas democráticas, justas, igualitárias e atentas aos desafios da atualidade. Parto da perspectiva que é frequente que professores e professoras expressem dificuldades em lidar com as diferenças culturais de gênero, raça, orientação sexual, classe, religião, local de moradia, habilidade motora entre outras, assim como, romper com aulas focalizadas em uma dimensão biológica do corpo representadas pelo aprimoramento de técnicas esportivas e desenvolvimento de habilidades motoras. Neste contexto, defendo a Educação Física em uma perspectiva da didática intercultural que valorize as diversas formas de expressão do movimento, promova a relação entre diferentes grupos culturais, considere os conhecimentos e saberes dos grupos subalternizados historicamente, supere processos de exclusão e hierarquização, fortaleça a construção de identidades abertas às diferenças, combata preconceitos e discriminações.

Palavras-chave: Educação Física; Escola; Didática intercultural.

Introdução

A Educação Física como componente curricular obrigatório na escola básica, apesar de possibilitar aos indivíduos interagir entre si, relacionando-se através da expressão do movimento, também pode ser responsável por reproduzir práticas pedagógicas descontextualizadas, visões hegemônicas de conteúdos que privilegiam modelos homogeneizados de corpos, atitudes e comportamentos que colaboram para silenciar as vozes, principalmente, de grupos discriminados e subalternizados historicamente.

Neste sentido, é frequente no campo que professores e professoras expressem dificuldades em lidar com as diferenças culturais de gênero, raça, orientação sexual, classe, religião, local de moradia, habilidade motora entre outras.

Estas e outras inquietudes vem acompanhando o cotidiano das aulas de Educação Física escolar, fazendo com que docentes sofram um mal-estar pelo fato de, muitas vezes, não darem conta da complexidade da escola e seus desafios atuais, não só pela dificuldade em

lidar com “o diferente”, mas a falta de infraestrutura, passando pela precarização da profissão docente, até chegar nas consequências geradas pelo Covid-19.

Considerando as ideias expostas, assumo a perspectiva da didática intercultural (CANDAU, 2012) como fundamentação para o presente estudo, no intuito de adotar uma dimensão que parte da necessidade de diferentes grupos culturais que sofreram (e sofrem) um histórico processo de submissão e subalternização.

Sendo assim, este ensaio tem por objetivo problematizar a perspectiva da didática intercultural no campo da Educação Física escolar, apontando desafios e possibilidades para a construção de práticas pedagógicas democráticas, justas, igualitárias e atentas aos desafios da atualidade.

Para tanto, inicialmente, discuto a inserção da Educação Física como disciplina escolar. Em um segundo momento problematizo as transformações ocorridas no campo da Educação Física, sobretudo em relação à conhecimentos, saberes e práticas. Em seguida destaco a relação entre a perspectiva da didática intercultural e a Educação Física e, por fim, algumas considerações.

A inserção da Educação Física na escola

Na Europa, a presença da Educação Física na escola foi ancorada historicamente pelas políticas higienistas que se fundamentavam em concepções médicas vinculadas aos estudos da Anatomia e Fisiologia que tinham como característica marcante a utilização da ginástica como forma de aprimoramento da saúde, aptidão física e formação do caráter. O propósito central da perspectiva higienista era englobar hábitos de saúde e higiene, enfatizando o desenvolvimento físico e moral, ressaltando a disciplina e a prática de exercícios físicos para a conquista de tais “virtudes”.

Para Soares (2012), a medicina desenvolveu concepções, valores e hábitos que tiveram um papel fundamental na construção de uma racionalidade apoiada na exigência da “saúde do ‘corpo biológico’ para a manutenção da saúde do ‘corpo social’, ou seja, para a produção e reprodução do capital” (SOARES, 2012, p. 17).

Segundo a autora citada, no Brasil, a Educação Física apareceu associada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça. Tal concepção foi sendo difundida em congressos médicos, propostas pedagógicas e em discursos políticos, tornando-se, assim, um poderoso instrumento nas mãos da burguesia para justificar seu domínio de classe em busca do progresso.

Dentro deste contexto, juntamente com a educação moral e intelectual, a Educação Física servia de base para a educação integral do homem moderno pautada nos ideais de racionalidade, igualdade e nacionalismo. Neste caso, com a intenção de sistematizar práticas que se orientassem para a educação dos corpos, surgiram os métodos ginásticos^[1] que

procuravam valorizar a ginástica no contexto da sociedade moderna (NEIRA; NUNES, 2009).

A ginástica desempenhava um papel importante como prática necessária à melhoria da saúde, capaz de tornar os corpos saudáveis, fortes, robustos e capazes de suportar os esforços exigidos para a construção da nação.

Nesse sentido, a Educação Física se legitimava como a disciplina escolar responsável por viabilizar em diversas instâncias (fábricas, família e escola) a construção de um “homem” novo dotado de gestos automatizados, disciplinados e possuidor de um corpo “saudável”. Dentro de uma perspectiva biológica e naturalizada, ela incorporava e veiculava a ideia da hierarquia, da ordem, da disciplina e da saúde como responsabilidade individual.

Assim, a ginástica e o esporte foram se tornando conteúdos valorizados nas aulas, pois representavam o ideal hegemônico de disciplina e saúde em voga na época. Tal perspectiva sobreviveu ao tempo e continuou a pautar o currículo e as práticas da Educação Física na escola, impossibilitando o diálogo com as diferenças, o que considero bastante nocivo para a construção de práticas que levem em conta a democracia e a pluralidade de conhecimentos e saberes.

Desestabilizações no campo da Educação Física

A partir dos anos 80, com o movimento de abertura política no Brasil, a Educação Física, bem como a escola de uma forma geral, começa a colocar em xeque os pressupostos do ensino tradicional e questionar de maneira intensa os arranjos sociais e educacionais (SILVA, 2010). A crítica à escola tradicional se sustenta na ideia de contestar os objetivos, os métodos, a avaliação, o conhecimento e os conteúdos considerados válidos a partir dos interesses das classes dominantes.

Bracht (1999) afirma que a Educação Física absorveu todas as discussões propostas pela Pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as formas de sua contribuição para uma transformação completa da sociedade capitalista.

Nesse sentido, impulsionada pelas teorias críticas e pós-críticas da educação, a Educação Física inicia um importante deslocamento epistemológico onde, o corpo visto a partir de um viés biológico, passa a ser analisado a partir de um viés sociocultural o que implica em uma potente relação com as ciências humanas.

Deste modo, alguns estudos do campo da Educação Física passam a dialogar com as questões relacionadas à perspectiva intercultural (NEIRA, 2016; Neira; Nunes, 2009; OLIVEIRA; Daolio, 2011).

Corroborando com os autores citados, parto da ideia de que a Educação Física, sustentada numa perspectiva da didática intercultural, possibilita o entendimento da escola enquanto espaço de crítica cultural, colocando em xeque tudo o que se passa como natural e inevitável. As práticas pedagógicas da Educação Física precisam questionar e desafiar a

supremacia dos esportes coletivos enquanto conteúdo hegemônico, assim como o conceito de saúde e sua implicação para a prática de atividade física.

Nesse contexto, defendo que as práticas devem estar em consonância com as realidades dos/as estudantes, articuladas com a proposta pedagógica da escola e levar em conta os temas da cultura corporal: as ginásticas, os jogos, os esportes, as danças, as lutas, entre outros. Sobre este último aspecto, é importante que a Educação Física possibilite condições para que as práticas corporais sejam vivenciadas e interpretadas à luz da perspectiva das diferenças culturais, onde as culturas dos diversos grupos possam ser valorizadas e entendidas dentro um processo de fortes relações de poder.

Didática intercultural e Educação Física: aproximações

Neste movimento de crítica à escola tradicional nos anos de 1980, citado anteriormente, a didática teve um amplo desenvolvimento no que se refere a superação de uma visão tecnicista da educação, representada por uma didática instrumental (CANDAU, 2011), ocupada, exclusivamente, na construção de objetivos, métodos e instrumentos de avaliação e, além disso, baseada em uma suposta “neutralidade” política.

Levando em conta a necessidade da escola de ser “reinventada” para enfrentar as demandas atuais de um mundo desigual, diverso e plural, “(...) a perspectiva fundamental da didática assume a multidimensionalidade do processo ensino-aprendizagem e coloca a articulação das três dimensões, técnica, humana e política, no centro configurador de sua temática” (CANDAU, 2011, p. 23).

Concordo com a autora citada quando ressalta que as três dimensões da didática devem se interrelacionar, pois se exigem de modo recíproco no processo ensino-aprendizagem buscando, assim, práticas pedagógicas contextualizadas, plurais e democráticas.

Levando em consideração a multidimensionalidade da didática, é importante ressaltar a necessidade atual da afirmação e valorização das diferenças culturais nas práticas pedagógicas da Educação Física.

Nesse sentido, amparada em uma interculturalidade crítica (CANDAU 2012, 2018; WALSH 2009; FLEURI, 2000) defendo uma didática da Educação Física que valorize as diversas formas de expressão do movimento, promova a relação entre diferentes grupos culturais, considere os conhecimentos e saberes dos grupos subalternizados historicamente, supere processos de exclusão e hierarquização, fortaleça a construção de identidades abertas às diferenças, combata preconceitos e discriminações com base nas questões de gênero, raça, classe, orientação sexual, religião, local de moradia, habilidade motora entre outras.

Deste modo, acreditamos que as práticas da Educação Física devem estar em consonância com as realidades dos/as estudantes, articuladas com a proposta pedagógica da

escola e levar em conta os temas da cultura corporal: as ginásticas, os jogos, os esportes, as danças, as lutas, entre outros. Sobre este último aspecto, é importante que a Educação Física possibilite condições para que as práticas corporais sejam vivenciadas e interpretadas à luz da perspectiva das diferenças culturais, onde as culturas dos diversos grupos possam ser valorizadas e entendidas dentro um processo de fortes relações de poder.

Considerações finais

Em suma, a Educação Física na perspectiva da didática intercultural pode ser traduzida em práticas cotidianas, na medida em que possibilite que, tanto professores/as, alunos/as e toda comunidade escolar sejam reconhecidos/as e respeitados/as, dentro de suas subjetividades e, também, a partir de experiências que valorizem a troca e o diálogo entre os diferentes grupos, sem a constante padronização/ hierarquização de conhecimentos e práticas que tanto presenciamos nas aulas.

As diferenças culturais vistas de modo positivo podem ser compreendidas a partir de experiências que subvertam o conhecimento hegemônico como único pensamento possível e utilizem os conhecimentos dos grupos considerados marginalizados em uma perspectiva de reconhecimento, valorização e enriquecimento cultural.

Nesse universo, a capoeira, o jongo, o maculelê, as brincadeiras e jogos indígenas, por exemplo, precisam ser reconhecidos e valorizados, assim como os esportes hegemônicos, como o futebol, o voleibol, o basquete e o handebol. Não se trata de desconsiderar o esporte como uma manifestação da cultura corporal, mas ressaltar que outras manifestações também devem ser respeitadas e garantidas no processo ensino-aprendizagem, assim como os sentidos e significados culturais que são produzidos por seus/suas representantes.

Sem pretender esgotar o assunto, é importante reconhecer a didática intercultural como uma perspectiva em construção, embora já vislumbremos pistas de sua presença em diferentes âmbitos, desde a universidade à prática cotidiana das salas de aula, quadras e pátios.

Referências bibliográficas

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, ano 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

CANDAU, V. M. A didática em questão. 32 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. In: CANDAU, V. M. (Org) **Didática crítica intercultural, aproximações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. cap. 3, p. 81-106.

_____. Interculturalidade e cotidiano escolar. In: CANDAU, V. M. (Org) **Didática: tecendo/reinventando saberes e práticas**. 1 ed. Rio de Janeiro: 7 letras, 2018. cap.11, p. 220-235.

FLEURI, R. M. Desafios à educação intercultural no Brasil. **Texto apresentado no III Seminário Pesquisa e Educação Sul – Fórum Sul de coordenadores de pós-graduação**

(mesa redonda: educação intercultural e formação de professores/as: gênero, etnia e gerações) Porto Alegre, 29, 30 de novembro e 1 de dezembro de 2000.

NEIRA, M. G. O currículo da Educação Física: por uma pedagogia da (s) diferença (s). In: NEIRA, M. G; NUNES, M. L. F. **Educação Física cultural**: por uma pedagogia da (s) diferença (s). Curitiba: CRV, 2016. cap. 2, p. 67-105.

NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Educação intercultural e Educação Física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n.2, p. 1-11, mai/ago. 2011.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOARES. C. L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil**. 5ª Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

WALSH, C. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: In-surgir, Re-existir e Re-viver. In: CANDAU, V. M. (Org). **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009. cap. 1, p. 12-42.

[1] Os métodos ginásticos surgem no século XIX, pautados em uma visão higienista, com a função de sistematizar as práticas corporais. A preocupação central englobava hábitos de saúde e higiene, valorizando os exercícios físicos como forma de desenvolver o corpo físico e moral (NEIRA; NUNES, 2009).